

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

155

INSCRIÇÕES 617-619



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA INSCRIÇÃO ROMANA DE VENEZA
NA QUINTA DA CARDIGA, GOLEGÃ
(*Conventus Scallabitanus*)

No âmbito do curso de Mestrado em Conservação e Restauro, Marco Rocha e Nuno Pereira, do Instituto Politécnico de Tomar, estão a preparar o relatório de estágio sobre os temas: *Quinta da Cardiga: pressupostos para a Conservação e Restauro. Estudo e intervenção de uma fonte ornamental* e *Estudo e intervenção no património edificado: Quinta da Cardiga*, respectivamente, ambos sob orientação do Professor Fernando Costa, do mesmo Instituto Politécnico.

Acontece que, durante a desmontagem e intervenção de conservação e restauro de uma fonte (Fig 1 e 2) da referida Quinta da Cardiga, sita na freguesia e concelho da Golegã, distrito de Santarém, verificaram que um dos elementos apresentava parte de uma inscrição que lhes pareceu poder ser romana.¹ Da troca de correspondência subsequente resultou, por conseguinte, este estudo, que, desde já, se nos afigura do maior interesse, pela singularidade que representa.

Na verdade, do que se conseguiu apurar, a fonte ornamental poderá ser um trabalho proveniente de Itália, adquirido entre 1903 e 1915, numa viagem de D. Branca Falcão Sommer d'Andrade,

¹ Agradecemos aos demais membros da equipa de conservação e restauro a autorização para, desde já, se dar a conhecer este elemento; e ao Dr. Rui d'Andrade a sua preciosa informação acerca da eventual procedência da fonte.

estando Veneza identificada como local de compra, informações que foram conferidas pelo Dr. Rui d'Andrade. Saliente-se, porém, que esta hipótese apenas pôde ser facultada oralmente, pois, na verdade, o diário de viagem das irmãs Sommer traz referências a outro tipo de compras, mas não especifica a compra desta ou doutra fonte².

Naturalmente, nada se sabe quanto à proveniência exacta da epígrafe, uma vez que, como é bem visível (FIG. 3), resulta do aproveitamento de um monumento epigrafado, que foi trabalhado e moldado para ocupar a função ornamental que detém, sem que os escultores da fonte se tivessem interessado em explicar donde tinham recuperado esse elemento. Aliás, decerto nem lhes conviria tê-lo divulgado, ainda que, obviamente, não lhes tivesse passado pela cabeça a importância documental que umas singelas linhas poderiam deter.

Foram identificados dois tipos de materiais utilizados na confecção da fonte: o mármore e a brecha. O fragmento epigrafado é mármore, não sendo conhecidos outros reaproveitamentos em elementos constituintes da fonte, estando em curso o seu estudo mineralógico e petrográfico, através de métodos de exame e análise, na tentativa de se determinar a sua proveniência, bem como da fonte em geral, com mais algum pormenor.

O elemento arquitectónico em que figura parte de uma inscrição funerária já se encontrava partido em cinco pedaços ajustáveis, na altura em que se procedeu à sua remoção. A superfície epigrafada fora picada por meio de gradim, a fim, sem dúvida, de se obter mais fácil aderência à parte superior. Os três buracos que se encontram na superfície desta espécie de mó (é, de facto, essa a forma que tem) foram resultado da reutilização.

O fragmento apresenta 5,50 cm de espessura e 27,5 cm de diâmetro, ocupando a inscrição um espaço de 10,5 x 16,5 cm.

[...] [MAX]VMII [?] / [...P]III[...] [?] · [...] AELI [...] / [LIBERTIS LIBERT]ABVSQ(ue) · PO[STERISQ(ue) EORVM]

² SOMMER (Branca Falcão de) e SOMMER (Fernanda Falcão de), *Journal de Voyage: Égypte, Palestine, Syrie, Turquie, Grece, Italie*, vol. I e II, Davos: Impr. de Davos, 1908. A obra traz ilustrações de Luiz Falcão de Sommer.

Altura das letras: l. 1: 2,5; l. 2: 2,6; l. 3: 2,5/2,6 (V = 2,8; C = 2,5). Espaços: 1: 8,4; 2: 1,3; 3: 2,1.

Caracteres actuários, largos, espaçados, típicos da segunda metade do século I da nossa era, com serifas bem acentuadas a denunciar que houve prévias linhas de pauta, ora imperceptíveis (veja-se, a título de exemplo, o E, que tem, no vértice inferior, uma serifa para trás): o A tem barra ténue; o B é assimétrico; o S de curvaturas simétricas, levemente inclinado para diante; o Q não é rigorosamente circular e apresenta cauda curta, oblíqua e ligeiramente ondulada; o O tem a parte superior que arranca de trás, sugerindo, portanto, uma impressão de movimento. É tentador ver na letra final um O – em vez do C para que a fotografia aponte³ – possibilitando, assim, a reconstituição que se propõe, explicada mais adiante.

Na l. 1, o V, mau grado o sulco posterior lhe haver deteriorado a haste da direita, parece-nos possível; MI reconstitui-se bem, mas há o resto de um traço vertical em seguida, cujo significado não entendemos: outro I?

Na segunda linha, antes do primeiro I poderá haver o que resta de um P, com semelhanças ao P da fórmula final: apercebemo-nos de um trecho da volta superior e do prolongamento da serifa em baixo. Seria sugestivo ler PII, na medida em que, de seguida, a hipótese AELI (genitivo de *Aelius*) afigura-se passível de aceitação.

A reconstituição que se propõe para o final vem ao encontro da troca de impressões de que a seguir se dá conta. Assim sendo, estaríamos, mui provavelmente, perante o termo de uma longa inscrição funerária, mandada fazer por um senhor para si e para os seus libertos e libertas, como os exemplos venezianos são susceptíveis de sugerir.⁴

³ P C permitiria o desdobramento da fórmula assaz frequente P(*onendum*) C(*uravit*).

⁴ Sobre o alcance político-social deste uso, leia-se: Nicolas LAUBRY, «La désignation de la postérité. Autour de la formule *libertis libertabusque posterisque eorum* dans les inscriptions funéraires romaines», in DONDIN PAYRE, Monique et TRAN, Nicolas [dir.], *Esclaves et Maîtres dans le Monde Romain. Expressions épigraphiques de leurs relations*. Publications de l'École Française de Rome, Roma, 2016. Ebook, acessível in <http://books.openedition.org/efr/3185>. No entender de

Na verdade, por se tratar de uma epígrafe seguramente proveniente de Veneza, tínhamos dois caminhos à nossa frente: consultar a base de dados de Clauss ou algum dos nossos colegas e amigos epigrafistas da universidade de Veneza, com dois objectivos: o primeiro, verificar se este fragmento e a nossa interpretação se ajustariam a alguma das inscrições constantes do *corpus* de inscrições veneziano, o que, a concretizar-se, seria deveras interessante; o segundo, testar a nossa leitura com os modelos das epígrafes locais, partindo do princípio de que estaríamos, seguramente, perante a parte final de um texto funerário.

A nossa amiga Professora Claudia Antonetti, do Dipartimento di Studi Umanistici da Università Ca' Foscari, respondeu-nos prontamente, a 26 de Julho, p. p.:

«Per il problema in questione passo la mail al mio giovane collega Lorenzo Calvelli, che fra noi veneziani è il più esperto di epigrafia locale e di riusi epigrafici».

Lorenzo Calvelli é também um companheiro das nossas lides epigráficas (estivéramos juntos no Colóquio Borghesi, organizado em Bertinoro no passado mês de Junho); ficou entusiasmado com o facto de que «da Venezia la fontana sia finita in Portogallo!» e decidiu partilhar «questo importante rinvenimento» com outra colega, Giovannella Cresci. Transcrevemos, com todo o gosto, o parecer que nos enviou, resultante dessa troca de impressões:

«Mi sono confrontato con Giovannella Cresci, che conosce anche lei molto bene l'epigrafia del territorio di Venezia. Purtroppo, non ci sembra che il frammento di cui ci hai mandato la foto corrisponda a nessuna delle iscrizioni edite, a noi note, provenienti dalle nostre zone. Non credo, in particolare, che sia CIL V 2293, anche se ci assomiglia un po'.

Tuttavia il formulario che si legge nell'ultima riga é tipico della “nostra” documentazione epigrafica. Siamo certi che la riga finale si possa integrare con la formula *[libert]abusq(ue) po[sterisq(ue)*

Nicolas Laubry, que perfilhamos, «la clause *libertis libertabusque posterisque eorum* instaurait une chaîne de bénéficiaires qui, théoriquement, était appelée à se prolonger le plus possible, et qui conservait, comme point de référence, le fondateur du sépulcre».

eorum]. Per quanto riguarda la riga precedente, forse si legge un AELI come dici tu, oppure forse un –AE come finale di un nome femminile in dativo e l’inizio della formula *li[bertis]* che prosegue alla linea dopo. In tal caso potremmo anche supporre *grosso modo* quanto spazio manca per la fine dell’iscrizione sulla destra».

E acrescenta:

«Nella *Regio X - Venetia et Histria* la formula “*libertis libertabusque posterisque eorum*” ha almeno 50 attestazioni, mentre “*libertabusque ponendum curavit*” mi pare un *hapax*. Credo che l’ultima lettera che si vede nella foto fosse una O, ora leggibile solo parzialmente a causa della rilavorazione della pietra».

Fizéramos também nós, como primeira preocupação, a comparação com as inscrições da referida *Regio X*, justamente para confrontarmos com outras a fórmula final que se nos apresentava. Assim, da base de dados de Clauss, retirámos, a título de exemplo estas duas:

CIL V 2170, EDCS-04201225

D(is) M(anibus) / C(aius) Cassius Herma / sacerdos v(ivus) f(ecit) sibi / et l(ibertis) libert(abusque) / posterisq(ue) eor(um)

CIL V 2235, EDCS-04201289:

[3] M(arci) l(ibertus) H(i)larius / [3] l(ibertus?) H(i)lar(...) / [3] lib(ertis) libertabusque / v(ivi) f(e)cerunt

Quiçá, um dia, reutilizada noutro monumento neoclássico da região de Veneza, venha a encontrar-se a parte da epígrafe que nos permita confirmar ou infirmar o que ora se nos antoja como verosímil.

Pelo tipo de letra e pela excelência do traçado, dataríamos a epígrafe da 1ª metade do século I d. C.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO

FERNANDO COSTA

MARCO ROCHA

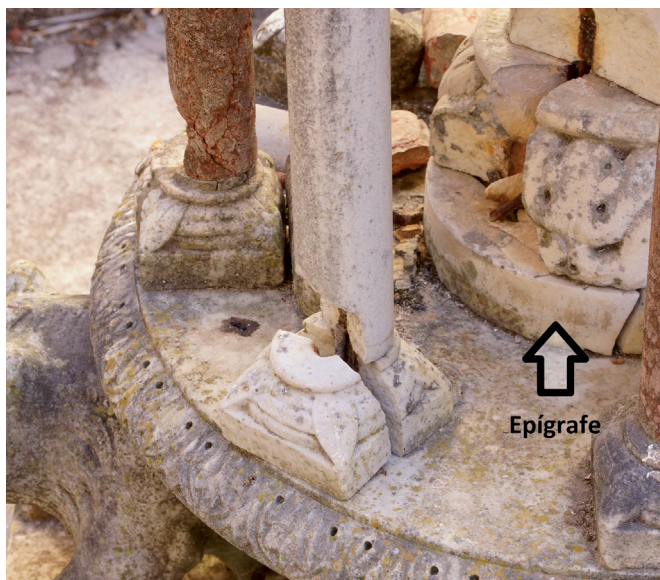
NUNO PEREIRA



1

617

Ficheiro Epigráfico, 155 [2017]



2



3

617

Ficheiro Epigráfico, 155 [2017]

ARA ANEPÍGRAFA ENCONTRADA EN CARDEÑOSA
(ÁVILA)¹

En esta breve nota damos a conocer un ara romana, inédita, localizada en el municipio abulense de Cardeñosa, comúnmente conocido por integrar en su término al relevante yacimiento protohistórico de Las Cogotas.

Fue en los fondos del Archivo Histórico Provincial de Ávila donde encontramos un informe sobre las prospecciones arqueológicas realizadas en el término municipal del citado pueblo durante el mes de septiembre de 1991². Según consta en la introducción de dicho documento, el objetivo de las prospecciones era el de «documentar y delimitar los yacimientos arqueológicos existentes, con el objeto de preservarlos y de incluirlos en el futuro trazado de la ordenación de propiedades»,

¹ Damos las gracias a D. Fernando Sanchidrián por las facilidades dadas en todo momento para acceder a la inscripción. Del mismo modo, agradecemos a Álvaro Ruiz, Héctor Pérez y Javier Vázquez su ayuda en la localización y autopsia del epígrafe; otro tanto a los miembros del *Archivo Epigráfico de Hispania* y a los participantes en los seminarios de Epigrafía alcalaínos organizados por el profesor D. Joaquín Gómez-Pantoja, por las opiniones aportadas para la realización del presente trabajo. Y por último, a Dña. Carmen López, directora del Archivo Histórico Provincial de Ávila, y a D. J. Francisco Fabián, Arqueólogo Territorial de la Junta de Castilla y León en Ávila, por su ayuda y consejos a la hora de publicar esta nota.

² AHPAv 44131.

al hilo de la realización de la Concentración Parcelaria de las fincas pertenecientes a este municipio. El autor del informe fue D. Alonso Domínguez Bolaños, uno de los miembros de ARCHEOS S. L., empresa contratada para realizar tales labores.

Entre los resultados obtenidos se encuentran quince asentamientos pertenecientes a diferentes épocas, restos de una calzada y un ara romana. Según registra el informe, se trata de un ara «realizada en granito que, a modo de poyo, se encuentra en el mismo núcleo de Cardeñosa en el nº 31 o 33 de la calle Mayor (carretera de Ávila). Es un bloque prismático rematado en sus extremos por un juego de molduras. La inscripción está totalmente perdida, apreciándose, sin embargo, restos de ella»; además el informe cuenta con una foto de la inscripción en la que no se percibe ninguna letra con claridad.

Una vez leído el documento y comprobado que el ara permanecía inédita³, consideramos oportuno realizar su autopsia; tras una serie de gestiones, nos pusimos en contacto con el dueño de la propiedad mencionada, D. Fernando Sanchidrián Velayos, el cual nos permitió amablemente el acceso a la casa en la que se conserva el monumento.

Posteriormente, consultamos la Carta Arqueológica de la provincia⁴, en la que también encontramos un informe relativo al altar romano de Cardeñosa. En él se registran nuevos datos sobre el mismo, tales como una escueta descripción de la pieza, las medidas totales y las del supuesto campo epigráfico, además de otras dos fotografías en las que tampoco se aprecia con nitidez letra alguna.

Efectivamente, estamos ante un ara de considerables

³ Entre la bibliografía revisada se hallan los *corpora* epigráficos provinciales de R. C. Knapp, *Latin Inscriptions from Central Spain*, Berkeley-Los Ángeles, 1992; E. Rodríguez Almeida, *Ávila romana. Notas para la arqueología, la topografía y la epigrafía romanas de la ciudad y su territorio. 2ª edición corregida y ampliada*, Ávila, 2003; y M^a R. Hernando Sobrino, *Epigrafía romana de Ávila*, *Petrae Hispaniarum* 4, Burdeos-Madrid, 2005; a los que debemos añadir los fondos del *Archivo Epigráfico de Hispania*, la base de datos *Hispania Epigraphica Online Database* (= HEpOL) [www.eda-bea.es] y las revistas *Hispania Epigraphica* y *L'Année Épigraphique* hasta el año 2012.

⁴ Registro de lugares arqueológicos de la provincia de Ávila. Servicio Territorial de Cultura de la Junta de Castilla y León en Ávila.

proporciones, realizada en granito gris local, que presenta sus cuatro lados prácticamente simétricos. Tiene una estructura tripartita, con cabecera moldurada y base de similar fisionomía, separadas por un neto prismático. La cabecera está decorada, en orden descendente, con: cinta, media caña, bocel, media caña, cinta y gola recta⁵; esta misma molduración se aprecia, si bien a la inversa, en la base del ara. Debe destacarse que las molduras recorren las cuatro caras del altar. Carece de *focus* y *pulvini*.

En lo que respecta a su estado de conservación, es bueno en líneas generales, si bien las molduras, tanto del coronamiento como de la base, se encuentran bastante deterioradas en algunos puntos, especialmente en los ángulos; del mismo modo, en dos de las caras del neto, que se encuentran finamente pulidas, se aprecian abrasiones.

Dimensiones totales: 90 x 39 x 40.

Dimensiones de la cabecera: 21 x 39 x 39.

Dimensiones neto: 47 x 32 x 32,5.

Dimensiones de la base: 22 x 38 x 40.

Tras la autopsia pudimos comprobar que no se aprecia resto alguno de letra, si bien no podemos descartar la posibilidad de que en algún momento hubiera contado con una inscripción.

FERNANDO POLO ALONSO

⁵ Se sigue aquí la tipología planteada por J. N. Bonneville, «Le monument épigraphique et ses moulurations», *Faventia* 2, 2, 1980, p. 75-98.



ARA ROMANA REAPROVEITADA
NA CAPELA DE S. JOÃO, LOBÃO DA BEIRA, TONDELA
(*Conventus Scallabitanus*)

Durante as obras de restauro da estrutura do altar-mor da capela de S. João, em Lobão da Beira, freguesia do concelho de Tondela (distrito de Viseu), realizadas neste ano de 2017, entre Julho e Setembro, foi encontrada uma ara romana (FIG. 1), de granito branco-cinza, de grão fino, que não ostentava nenhuma inscrição primitiva, mas, em contrapartida, um letreiro (FIG. 2) datado do século XVII¹.

A actual forma do capitel resulta da intenção «artística» de quem manipulou o monumento no século XVII, uma vez que as molduras não correspondem à primitiva molduração romana, tendo havido mesmo o desbaste de uma delas. O que resta dá a entender que teria havido eventualmente fôculo e, até, toros lateralmente a ele, de que parecem ser indício as três saliências dianteiras. Entre a moldura que foi picada e o filete directo mediante o qual a molduração se une ao fuste, terá havido, possivelmente, moldura em bocel directo que foi danificada.

A base é também moldurada bem à maneira clássica romana: filete reverso seguido de bocel directo e bocel reverso separados por ranhura, assentes no soco.

O monumento (FIG. 3) tem molduras nas quatro faces, como é comum nas aras romanas.

Dimensões: 73 x 42/31/47 x 38/31/43. O capitel tem 20 cm de altura e a base 21.

¹ Agradecemos vivamente ao Sr. Padre João Pedro F. Cardoso e à Doutora Maria de Fátima P. Eusébio as informações que tiveram a gentileza de nos prestar acerca da descoberta do monumento e as facilidades concedidas para o seu estudo.

Campo epigráfico: 32 x 31.

S / IOM / 1604 (ou 1609)

Altura das letras: S = 8; l. 2: 8/10; l. 3: 2/9. Espaços: 1 e 2: 0,5; 3 e 4: 3.

No fuste, bem alisado, está a inscrição que indicámos. É claramente apócrifa. Não houve, de resto, qualquer intenção, de o esconder, por ter sido gravada desajeitadamente, no final, uma data: 1609 ou 1604. O 1 é um longo I, à romana; o 6 cursivo e em módulo mais pequeno toca, no seu termo, no 0, de módulo ainda menor. O último algarismo acabou por ser ‘ornamentado’ (FIG. 4) certamente para gerar alguma confusão ao leitor ou para mostrar algum secretismo, na medida em que até parece estar estilizadamente representada a perna e o pé de um ser humano.

Afigura-se-nos evidente que quem fez a gravação, aproveitando um monumento romano, tinha algumas luzes do tipo de inscrições habituais. Assim, o S inicial (muito inclinado para a frente e com serifas deveras acentuadas) poderá querer significar o comum S(*acrum*), palavra corrente nas inscrições romanas votivas. Houve, por outro lado, a intenção de dar a entender que se tratava de uma dedicatória a *Júpiter Ótimo Máximo*, de facto uma das divindades mais veneradas neste ambiente lusitano.

Não lográmos descortinar qualquer vestígio de que tivesse havido inscrição anterior, a não ser que houvesse sido pintada.

Partindo do princípio de que estamos perante a reutilização de um monumento autêntico, afigurou-se-nos interesse dar a conhecê-lo, por ser mais um testemunho da estada dos Romanos nesta área. Aliás, poder-se-á também pensar que documenta a existência de uma oficina de lapicida nas proximidades, onde se conhecia bem a tipologia dos altares romanos, sendo esta característica do século I da nossa era. Por outro lado, não é somenos importante, do ponto de vista cultural, verificar esta ‘reutilização’ nos primórdios do século XVII – ainda que desajeitada – com a intenção, que nos parece evidente, de querer mostrar alguma erudição.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO

JORGE ADOLFO M. MARQUES



1



2



3



4